

TABU LINGUÍSTICO NO GUINEENSE: ALGUMAS ANÁLISES¹

Fatinha Indjai²

RESUMO

O presente trabalho aborda aspectos linguísticos e sociais relacionados ao uso dos tabus linguísticos no guineense, buscando responder à questão central: quais palavras são consideradas tabu no guineense? Na sociedade guineense, os mais velhos ensinam que certas palavras não devem ser pronunciadas, pois o uso de termos tabus pode trazer maldição ou consequências negativas. Esses tabus são transmitidos de geração em geração, refletindo valores culturais, religiosos e morais da comunidade. O objetivo geral do estudo é analisar as palavras tabus no guineense. Como objetivos específicos, pretende-se: (i) identificar os nomes tabus relacionados aos órgãos sexuais, doenças, morte, entre outros; (ii) compreender a concepção de tabu no contexto guineense; (iii) perceber a importância do uso desses tabus e (iv) discutir sua origem e função social. A pesquisa se justifica pelos poucos estudos sobre o tema, apenas o trabalho de Correia, Bandeira e Freitas (2020) aborda o assunto e busca contribuir para o aprofundamento do conhecimento linguístico e cultural sobre esse tema no guineense. O estudo é de caráter bibliográfico, tendo como principal referência o dicionário de Scantamburlo (2002). Os dados mostram que há diversos tabus linguísticos relacionados aos órgãos sexuais. Para designar vagina, utilizam-se as palavras *femiandadi*, *pampana*, *karina*, *kuno* e *mindjerdadi*. Apesar de serem sinônimos, não possuem os mesmos usos: *karika* e *kuno* são considerados xingamentos e, portanto, são tabus. A palavra *kuno* deriva do português *cona*, mantendo o mesmo valor tabu. Já *femiandadi* e *mindjerdadi* são formações derivadas das bases *femia* (“fêmea, mulher”) e *mindjer* (“mulher”), com o sufixo *-ndadi*, funcionando como eufemismos. Para o pênis, há os termos *karadju*, *kodjon*, *pipixo* e *matchundadi*. As formas *karadju* e *kodjon* vem de *caralho* e *culhão* do português, também possuem carga negativa e são evitados entre os mais velhos. Já *matchundadi* resulta da junção de *matchu* (“macho, homem”) + *-ndadi*. Além disso, o termo **natureza** “natureza” pode designar tanto a vagina quanto o pênis, sendo igualmente um eufemismo. Assim, o estudo evidencia que os tabus linguísticos no guineense refletem valores culturais e sociais profundamente enraizados na tradição oral.

Palavras-chave: tabu linguístico; língua guineense - morfologia.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas Sousa.

² Graduanda na Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela UNILAB.

ABSTRACT

This paper addresses linguistic and social aspects related to the use of linguistic taboos in Guinean Creole, seeking to answer the central question: *Which words are considered taboo in Guinean Creole?* In Guinean society, elders teach that certain words should not be spoken, as using taboo terms may bring curses or negative consequences. These taboos are passed down from generation to generation, reflecting the community's cultural, religious, and moral values. The general objective of this study is to analyze taboo words in Guinean Creole. The specific objectives are to: (i) identify taboo names related to sexual organs, diseases, death, among others; (ii) understand the concept of taboo within the Guinean context; (iii) recognize the importance of using these taboos; and (iv) discuss their origin and social function. This research is justified by the scarcity of studies on the topic – only the work of Correia, Bandeira, and Freitas (2020) addresses the subject – and aims to contribute to a deeper linguistic and cultural understanding of this phenomenon in Guinean Creole. The study is bibliographic in nature, with Scantamburlo's dictionary (2002) as its main reference. The data show that there are various linguistic taboos related to sexual organs. To refer to the vagina, the words *femiandadi*, *pampana*, *karina*, *kuno*, and *mindjerndadi* are used. Although they are synonyms, their uses differ: *karika* and *kuno* are considered insults and are therefore taboo. The word *kuno* derives from the Portuguese *cona*, maintaining the same taboo connotation. In contrast, *femiandadi* and *mindjerndadi* derive from the bases *femia* ("female, woman") and *mindjer* ("woman"), with the suffix *-ndadi*, functioning as euphemisms. For the penis, the terms *karadju*, *kodjon*, *pipixo*, and *matchundadi* are used. The forms *karadju* and *kodjon* come from the Portuguese *caralho* and *culhão*, also carry negative connotations, and are avoided by the elders. *Matchundadi* results from the combination of *matchu* ("male, man") + *-ndadi*. Additionally, the term *natureza* ("nature") may refer to either the vagina or the penis, also functioning as a euphemism. Thus, the study highlights that linguistic taboos in Guinean Creole reflect cultural and social values deeply rooted in oral tradition.

Keywords: linguistic taboo; Guinean language - morphology.

1 INTRODUÇÃO

Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental de África com grande diversidade cultural e linguística. A língua oficial da Guiné Bissau é o português, mas a língua com maior número de falantes é o guineense (Crioulo). No guineense, por ser uma língua crioula de base lexical portuguesa, a maior parte do léxico básico tem o português como fonte, com traços de outras línguas étnicas, como: nalu, balanta,

bijagó, manjaco, papel, mansoca, mandinga, biafada, fula, mancanha, entre outras.

A língua é inerente ao ser humano e é percebida como um fato social, perpassa todos, dando origem a vários fenômenos linguísticos (Saussure, 1916). Este trabalho trata de alguns aspectos linguísticos e sociais relacionados ao uso dos tabus linguísticos no guineense. Começando a buscar responder a seguinte pergunta: quais são as palavras consideradas como tabus no guineense? Tudo aquilo que a sociedade evita dizer diretamente por questões de moral, religião, cultura, decoro ou sensibilidade pode ser considerado um tabu linguístico.

No que concerne aos estudos sobre o tabu linguístico na Guiné-Bissau, existem poucas pesquisas realizadas, sendo Correia, Bandeira & Freitas (2020) um dos únicos trabalhos conhecidos. Por isso, essa pesquisa visa preencher a lacuna bibliográfica e, a partir desse estudo, compreender melhor esse fenômeno linguístico no seio da sociedade guineense.

Este artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 fala 1 traz um pouco da diversidade linguística da Guiné-Bissau e a sua contextualização histórica, a seção 3 fala de tabu linguístico de modo geral conversando com alguns autores que falaram sobre o tema. A seção 4 vem abordando sobre tabus linguísticos no guineense trazendo argumentos sobre o tabu na sociedade, na família assim como nos grupos de **mandjuandadi** (grupos formados pelas mulheres e homens num determinado bairro). A seção 5 traz a metodologia de pesquisa e se pode encontrar um quadro com os nomes tabus em guineense e as transcrições fonéticas, por fim na seção 6 aparecem as considerações finais da pesquisa, concluindo-se que análise dos tabus linguísticos no guineense revelam a profunda ligação entre língua, cultura e valores sociais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Segundo Nhaga (2011), a formação histórica da Guiné-Bissau antecede em muito o período de contato com o mundo europeu, tendo suas origens ligadas a povos africanos cujas raízes permanecem pouco conhecidas devido à escassez de pesquisas arqueológicas. Entre os primeiros habitantes da região destacam-se os Felupes (ou

Diolas), Manjacos, Mancanhas, Balantas, Papéis e Nalus. Ainda conforme o autor, o Império do Mali, fundado no século XIII, exerceu grande influência sobre a área, expandindo-se do interior até a costa da África Ocidental. Um dos seus reinos, Gabu, chegou a tornar-se um império, influenciando politicamente as regiões vizinhas ao Senegal, à Gâmbia e à Guiné-Conacri. A localização geográfica da Guiné Bissau no continente africano pode ser vista na figura 1:

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: https://pt.123rf.com/photo_32758629_mapa-pol%C3%ADtico-da-guin%C3%A9-bissau-com-capital-bissau-fronteiras-nacionais-cidades-e-rios-importantes.html. Acesso em: 31 out. 2025.

Os portugueses chegaram à região em 1446. Devido à sua situação geográfica costeira, ao tráfico de escravizados e às influências da presença portuguesa desde meados do século XV, a Guiné-Bissau também estabeleceu contatos com Cabo Verde. Assim, durante a Guerra de Independência (1961-1974), o guineense floresceu, tendo um papel fundamental para a unificação linguística do país e tornando-se símbolo de identidade nacional para os guineenses.

3 TABU LINGUÍSTICO

O tabu é um fenômeno linguístico presente em todas as sociedades. De acordo com Guérios (2010, p. 1), “A palavra tabu pode ser traduzida por ‘sagrado-proibido’ ou ‘proibido sagrado’. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo”.

De acordo com Guérios (2010, p. 1), o conceito de tabu abrange diversos aspectos, como objetos, lugares, ações, palavras, pessoas e situações que são socialmente evitados ou proibidos, seja por questões culturais, religiosas ou morais. Com base na leitura de Correia, Bandeira & Freitas (2020, p. 8), conforme Almeida (2007), certos nomes de doenças, como a tuberculose, foram historicamente evitados devido à forte carga negativa associada a eles, sendo substituídos por eufemismos, já que havia o temor de que mencionar diretamente a enfermidade pudesse atrair sua presença para si ou para o ambiente familiar.

De acordo com Benke (2012, p. 3), o sentimento de proibição que uma pessoa experimenta pode dar origem ao tabu linguístico, limitando o uso de determinadas palavras ou expressões. A autora destaca que o tabu é frequentemente visto como um elemento cultural e social transmitido entre gerações, perpetuando crenças, costumes e hábitos desde tempos antigos.

A partir da leitura do Guérios (2010), encontra-se que Willems entende o tabu como uma proibição associada a representações de caráter mágico ou religioso, destacando ainda que sua violação pode acarretar punições de natureza sobrenatural. Já, conforme Orsi (2011, p. 3), o tabu linguístico está relacionado a sanções e restrições impostas socialmente, sendo responsável pela proibição do uso de certos termos considerados carregados de poder, cuja transgressão pode resultar em punições. A autora também observa que, embora palavrões não sejam aceitos em todos os contextos, eles podem ser usados em ambientes de intimidade, como entre amigos, familiares ou parceiros, desde que haja permissão ou aceitação dentro daquele grupo. A esse respeito, Orsi (2011, p. 2) traz o posicionamento de Bona (2008, p. 2), para quem os palavrões são termos que contrariam as convenções sociais e, por isso, seu uso em

contextos públicos é geralmente alvo de reprovação ou sanção social. A autora aponta também que, para Calvino (2009), muitos discursos atuais sobre palavras obscenas ignoram o fato de que expressões populares relacionadas ao sexo refletem uma tradição de desprezo por esse tema, razão pela qual os nomes dos órgãos sexuais são frequentemente utilizados como forma de insulto.

Um dos poucos estudos que tratam dos tabus em guineense, Correia, Bandeira & Freitas (2020) apontam que as diferenças entre os sexos também se manifestam no uso dos tabus linguísticos, já que, em muitas sociedades, as mulheres são mais restringidas por normas e proibições sociais, o que influencia diretamente sua linguagem e limita o uso de determinadas expressões.

Sobre o estudo dos tabus, Orsi (2011, p. 8) argumenta que, embora o linguista não deva considerar nenhum item como tabu, é necessário reconhecer que, sob a perspectiva sociolinguística, certos termos revelam um grau de informalidade. A autora defende a importância de combater o preconceito linguístico e o medo do desconhecido, promovendo o uso adequado da linguagem conforme o contexto em que se está inserido.

4 TABU LINGUÍSTICO NO GUINEENSE

Desde muito jovem, percebi que certas palavras simplesmente “não podiam” ser ditas. Em casa, expressões relacionadas ao corpo ou à sexualidade eram evitadas, e palavrões eram vistos como sinais de desrespeito ou má educação, especialmente quando ditos por mulheres. Na escola, alguns termos causavam risos, constrangimento ou repreensões imediatas dos professores. Sem saber, eu já estava vivenciando os efeitos do tabu linguístico, um fenômeno social que impõe limites ao uso de determinadas palavras ou expressões por serem consideradas ofensivas, impróprias ou perigosas em certos contextos. Essa percepção inicial despertou meu interesse em entender por que certas palavras incomodam tanto e como esses tabus são construídos e mantidos na sociedade.

Na sociedade guineense, verifica-se a sacralização de várias palavras no guineense e no português. Várias pessoas e grupos étnicos optam por não usar palavras tabus a fim de manter o respeito dentro das relações interpessoais. Existem tabus culturais, sociais e religiosos. Na Guiné-Bissau, o processo de tabuização dá-se, por exemplo, nas palavras consideradas proibidas segundo os mais velhos da família. Vários desses tabus existem sem explicações convincentes, por exemplo, chamar a parte íntima do corpo de uma pessoa ao usar a palavra tabu é considerado como falta de respeito e educação.

No seio da comunidade, aprendemos com os nossos mais velhos que não devemos usar as palavras tabus, isto é, de acordo aos ensinamentos transmitidos por eles. Portanto, o uso das palavras tabus leva o indivíduo à maldição. Certamente, os tabus linguísticos guineenses são transmitidos de geração a geração.

No contexto guineense, é notável tabus sobre grau de parentesco, pessoas, nome dos mortos, alguns animais, partes de corpo humano, doenças e órgãos sexuais, por exemplo: nomes de doenças que são consideradas fatais, como, trombose, tuberculose, cólera. Logo, os mais velhos fazem as crianças acreditarem que não podem ser chamadas pelo próprio nome com medo de atrair mortes causadas pela maldição, isso leva com que usem menos tabus ao se dirigirem a certa doença.

De acordo com Almeida (2007), nomes de doenças podem ser considerados tabus, como no caso da tuberculose, que no passado frequentemente era evitada em discursos e substituída por eufemismos devido ao medo associado ao termo, já que as pessoas receavam que mencioná-lo pudesse atrair a doença para si ou para o ambiente familiar.

Muitas vezes mulheres, principalmente adolescentes, sofrem com as palavras tabus colocadas para suavizar o próprio nome considerado proibido, por exemplo: as mães guineenses sentem receio de explicar a sua filha que devem chamar a palavra “menstruação” no meio social, isso leva à substituição da palavra por uma considerada mais agradável, que é **Laba lua**.

Por isso, as pessoas usam vocábulos para evitar palavras ou expressões que são consideradas ofensivas ou proibidas, que socialmente não são aceitas, por exemplo: o ato sexual, para lidar com essas situações de forma respeitosa, as pessoas recorrem ao

uso de eufemismo, que é uma forma de linguagem usada para suavizar ou amenizar uma expressão que poderia ser considerada dura, ofensiva ou desagradável. Assim, usam-se termos menos diretos. Existe uma infinidade de tabus no guineense sobre corpo humano, muitas vezes quando a pessoa chama pelo nome perante a sociedade, sobretudo na frente dos mais velhos, se considera como xingamento. Isso leva a muitas crianças serem castigadas.

Com relação às palavras tabu relacionadas ao corpo humano (órgãos sexuais), usar nome de algumas partes do corpo, sem usar tabu depende da sociedade ou lugar em que se encontra, por exemplo: entre amigos e colegas. Em um grupo de **mandjuandade**³ (um grupo formado pelas mulheres e homens num determinado bairro ou aldeia) e entre namorados, é natural chamar os nomes sem que entre eles haja conflito ou se entenda como xingamento ou palavrão porque se considera numa sociedade que não existe nível de idade ou maturidade entre ambos. Tabu com certeza traz muitas limitações em usar alguns itens perante a sociedade. Portanto é diferente quando se está em uma sociedade, mais limitada ou uma família tradicional, que é totalmente uma proibição ao tabu.

Na sociedade guineense, tabus são diferenciados entre gênero ou através da faixa etária, existem tradições em que as mulheres são proibidas de usar certa palavra na frente dos homens, da sociedade em geral ou na frente do próprio marido, sogro ou sogra, a mulher não pode ignorar porque vai ser menosprezada no seio da família. As crianças mesmo, para contar algo que aconteceu com elas aos mais velhos, têm ainda que recorrer aos vários mecanismos para chegar aos mais velhos.

Muitas vezes a sociedade guineense não consegue entender como o tabu pode ser negativo na vida das pessoas, principalmente as crianças. A negatividade se apresenta na vida das crianças na relação com mãe ou pai, especialmente quando se trata de temas como sexualidade ou corpo, por exemplo: falta de diálogo, se certos assuntos sobre nossos corpos são considerados proibidos ou sagrados, com certeza a criança pode sentir que não pode confiar nos pais para tirar dúvidas ou expressar sentimentos ligados a ele ou sentir vergonha.

³ É necessário dizer que adotei esta grafia, porém existe outra forma de escrever esta mesma palavra, por exemplo: **manjuandade**.

O silêncio em torno de temas importantes pode levar a criança a buscar informações incorretas ou perigosas, quando algo é tratado como sagrado, para nós meninas guineenses, essa proibição pode internalizar a ideia de que algo está errado quando vem o sentimento de curiosidade ou outros sentimentos naturais. Isso leva com que as crianças que crescem em ambientes cheios de tabus cresçam com a ideia de que a criação que recebeu dos mais velhos é uma das melhores educações que um ser humano pode ter para que possam ser vistas na sociedade como um bom exemplo, e tendem a repetir esse padrão na vida adulta com seus filhos.

Quando as pessoas falam de tabu na sociedade, todo mundo condena, acha que você está a ensinar as crianças como fazer sexo ou levá-las a se sentirem independentes, mas não é isso, todos têm direito de conhecer a si mesmos. Tem horas que as mães ou os pais precisam ensinar as crianças sobre sua vida adolescente, mostrar o que é bom ou é mau, fazer as crianças entenderem o próprio corpo, que vão sempre existir mudanças por cada fase da vida, fazê-las entenderem que o seu corpo pertence só a elas, mostrar que as únicas pessoas que têm direito a tocá-las são os pais. A falta de entender ou conhecer o próprio corpo pode levar as crianças a não se cuidarem, a sofrerem abusos sexuais, nossa realidade não permite que a criança fale sobre seu próprio corpo para os mais velhos, ela se sente envergonhada porque cresceu no seio de tabu.

5 METODOLOGIA

Buscaremos fazer levantamento bibliográfico das pesquisas disponíveis em repositórios e revistas acadêmicas, isto é, artigos, dissertações e teses que têm como objeto de estudo o tabu linguístico. O dicionário de Scantamburlo (2002) será usado como base para formar o corpus do nosso estudo. Para realização da pesquisa, após a leitura dos materiais que constituem o referencial teórico, começamos a buscar no dicionário de Scantamburlo (2002) nomes tabus relacionados ao corpo humano, doenças, mortos, órgãos sexuais no guineense. Ao final, foram coletados 50 itens, tanto itens tabus quanto não tabus (reunindo todos os vocábulos apontados pelo dicionário

para se referir a um conceito), como se observa no quadro 1.

Palavra em guineense	Transcrição	Glosa
kunu femiandadi pampana mindjerndadi karika	['kunu] [femia'ndadi] [pẽ'pana] [mĩdzer'ndadi] [ka'rika]	vagina
doensa de pitu	[du'ẽsa] [di'pitu]	tuberculose
difuntu ~ dufuntu falesidu ~ falsidu morto	[di'fũtu] ~ [du'fũtu] [fale'sidu] ~ [fa'lidu] ['mõrtu] ~ ['mõrti]	morto
dur de kutuvelu ~ kutubelu i panha tchai	['dur] [dikutu'velu] ~ [kutu'belu] [i'pana] ['tʃaj]	chifrudo
koba de kadera kadera koba de bunda bunda	['kõba] [dika'dera] [ka'dera] ['kõba] [di'bũda] ['bũda]	ânus
mortundadi difuntu ~ dufuntu mortu ~ morti	[murtu'ndadi] [di'fũtu] ~ [du'fũtu] ['mõrtu] ~ ['mõrti]	falecimento
laba lua odja lua benfika na djuga	['laba] ['lwa] ['õdʒa] ['lwa] [bẽ'fika] [na'dʒuga]	menstruação
komadre kamarada kumadrindadi	[ko'madri] ~ [ku'madri] [kama'rada] [komadri'ndadi] ~ [kumadri'ndadi]	amigo ou amiga
matchu mindjer omi mindjer	['matʃu] [mĩ'dʒer] ['omi] [mĩ'dʒer]	homossexual (homem)

banku	[ˈbẽku]	cadeira
turpesa	[turˈpɛsa]	
porápa	[ˈpɔɾapa] ~ [ˈpura]	porra
poxa	[ˈpoʃa]	
kalabus	[kalaˈbus]	prisão
prisom	[priˈzõŋ]	
malandru	[maˈlẽdru]	malandro
tira bariga	[ˈtira] [baˈriga]	aborto
ika kungsi homi	[ˈika] [ˈkũsi] [ˈomi]	virgem
badjuda nobu	[baˈdʒuda] [ˈnobu]	
buska vida	[ˈbuska] [ˈvida] ~ [ˈbida]	imigrante
ataka alguim sin serteza	[aˈtaka] [aʔˈgĩŋ] [ˈsĩŋ] [serˈteza]	calúnia
kodjon	[koˈdʒon]	pênis
matchundadi	[matʃuˈndadi]	
pipixo	[piˈpiʃu]	
moka	[ˈmɔka]	ato sexual
fasi markardesa	[ˈfasi] [markarˈdesa]	
ndital	[ˈnditaʔ]	
fidju de rua	[ˈfidʒu] [diˈrua]	bastardo
fidju di badjudesa	[ˈfidʒu] [dibadʒuˈdesa]	
bandida	[bẽˈdida]	prostituta
bindidur de kurpu	[bĩdiˈdur] [diˈkurpu]	
mindjer di rua	[mĩˈdʒer] [diˈrua]	
bandidasku	[bẽdiˈdasku]	
bedjoti	[beˈdʒoti]	idoso
homi garandi	[ˈomi] [gaˈrẽdi]	
bedju	[ˈbedʒu]	
Papesinhu	[papeˈsiɲu]	padrasto,
mamesinho	[mameˈsiɲu]	madrasta

npintchu pretu sarna	['mpĩtʃu] ['pretu] ['sarna]	lepra
dudu dudessa ifuti	['dudu] [du'desa] [i'futi]	doido
burro tule ika bai skola nbaba	['buru] [tu'lɛ] ~ [tɔ'lɛ] [ika'baj] ['skɔla] ['mbaba]	burro
karadju	[ka'radʒu]	caralho
kurpo dufunto	['kurpu] [di'fũtu] ~ [du'fũtu]	corpo de um morto
prenhada	[pre'nada]	grávida
feitiso pautera	[fejtɨ'seru] ~ [futi'seru] [paw'tera]	feiticeiro
mufunesa	[mufu'nesa]	azar
kumpanhadur	[kũpaɲa'dur]	acompanhante
kontadur de mintida falta de bardade	[kõta'dur] [dimĩ'tida] ['falta] [dibar'dadi]	mentiroso
rabada kadera rabu	[ra'bada] [ka'dera] ['rabu]	rabada
kuartinho bai matu serku	[kwar'tiɲu] ['baj] ['matu] ['serku]	casa de banho
kumadri kasa dus	[ko'madri] ~ [ku'madri] ['kasa] ['dus]	amante
kumbosa	[kũ'bɔsa]	rival
nha tarbadjadur nha badjuda	[natarbadʒa'dur] [naba'dʒuda]	empregada

big papa	['big] ['papa]	gordo
bruta del	['bruta] ['dɛɫ]	
ita nheme	[ita'neme]	bruxa
ita sai dinoite	[ita'saj] [di'noti] ~ [di'nojti]	
manku	['mɛ̃ku]	peessoa com
duenti	[du'ɛ̃ti]	deficiência
ika completa	[ikakõ'plɛta]	
kuti kuti,	['kuti] ['kuti]	aleijado
n'oti n'oti	[n'oti] [n'oti]	
butchi butchi	['butʃi] ['butʃi]	gordo ou pessoa
gros	['grɔs]	que ganhou peso
N'tanka	['ntɛ̃ka]	prisão de ventre
mau	['maw]	malvado
malvadu	[maɫ'vadu]	
dita	['dita]	dormir de barriga
N'borkado	[mbɔr'kadu]	
nhongoli	[nõ'goli]	desnutrido
pikinino	[piki'ninu]	
seku	['seku]	
akuza	[a'kuza]	falso testemunho

6 ANÁLISE DE DADOS

As palavras *femiandade* e *mindjerndade* são formadas no guineense por sufixação às bases *femia* 'fêmea, mulher' e *mindjer* 'mulher'. Já pênis é chamado em guineense de *karadju*, *kodjon*, *pipixo* e *matchundade*. Há ainda a palavra *kuku di obu*, que se refere aos testículos. *Karadju* e *kodjon* vêm, respectivamente, das palavras *caralho* e *culhão* do português e mantêm a carga semântica da língua de origem: são termos vistos como xingamentos e tendem a ser evitados no meio dos mais velhos por isso o fato de o guineense formar palavras com sufixo a partir de palavras que não

existem no português mostra que a língua possui uma morfologia própria. **Karadju** vem da palavra ‘caralho’ que também é um xingamento em português e em guineense é usada para xingar o testículo do homem (*bu karadju bo* ‘seu caralho’). Também é usado para dizer ‘porra’ a uma pessoa. O fato de o guineense formar palavras com sufixo a partir de palavras que não têm correspondência no português (como *mindjerndade*) mostra que a língua possui uma morfologia própria.

Também podemos ver as palavras *rabada*, *rabu*, *kadera* é para referir às nádegas. No guineense para suavizar a palavra, a maioria prefere chamar de *rabada* mesmo, já vem como xingamento quando usa *rabu* ou *kadera*, o dicionário mostra que a palavra *kadera* é a mais vulgar entre os três nomes.

Mortu, *dufunto* e *mortundade* são os três nomes dirigidos a uma pessoa morta. O dicionário mostra que as pessoas usam mais a palavra *dufunto* mantendo o tabu, e quando vão usar a palavra *mortundade* depende do contexto não só quando uma pessoa morre, às vezes é quando animais também começam a morrer nas comunidades ou aldeias, por exemplo, mais que dez galinhas morreram, as pessoas começam a dizer *mortundade de limarias tchiu es tempo*, quer dizer ‘ultimamente há muitas mortes dos animais’.

A palavra menstruação que é tabu no seio da comunidade o dicionário mostra que é notável a substituição dessa palavra por *laba lua* (literalmente ‘lavar a lua’), *benfika na djuga* (literalmente ‘equipe jogando’). Os mais velhos usam mais *laba lua*, enquanto *benfika na djuga* é expressão inventada para suavizar a palavra menstruação; as duas expressões significam quando uma mulher está no mês da menstruação, em vez de dizer está menstruada, preferem dizer *laba lua* ou *benfika na djuga*.

Komadre, *Komadrindade* e *kamarada* são termos usados para se referir a uma amizade, em vez de chamar seu amigo ou sua amiga de amigo ou amiga, se usa *kamarada* ou *komadre*. O dicionário mostra que nem sempre a palavra *comadre* se refere à amizade, às vezes também se usa para chamar uma amante, em vez de chamar *amante*, trata-se de um eufemismo.

Fasi markardesa e *moka* são palavras usadas para se referir a ato sexual. *Moka mame* é um dos xingamentos direcionados às mães, significa ‘vou foder sua mãe’, por

ser considerada mais vulgar, para suavizar o termo as pessoas preferem usar *fasi marcadesa*.

Matchu mindjer e home mindjer são termos usados para referir a um homem homossexual (*abo i matchu mindjer* significa ‘você é um homem mulher’) porque é quando nasce homem, mas faz coisas que as mulheres fazem. Ser homossexual na sociedade leva a sofrer muito, até apanhar por dizer que estão a tentar endireitar a pessoa para ser homem de verdade.

Papesinho e mamesinho são palavras usadas para se referir a um padrasto ou madrasta. Scantamburlo (2020) mostra que não só se usam essas palavras para referir aos dois nomes citados, mas na realidade em guineense usar os nomes *papesinho* e *mamesinho* quando se trata do irmão do seu pai ou irmã da sua mãe.

As palavras *banku* ou *turpesa* significam “cadeira”. Nesse caso não existe tabu, existe diferença entre os dois nomes: *turpesa* é mais expressão dos mais velhos, também é usada para se referir a uma tomada de posse dos régulos ou rainha nos tempos dos nossos ancestrais (*régulo dado turpesa* ‘o régulo tomou posse’).

Ika kungsi homi e *badjuda nobu* significa ‘ela nunca se deitou com um homem ou nunca fez sexo’ e são usadas para referir uma moça virgem, o dicionário mostra que entre esses nomes o mais vulgar é *ika kungsi homi*, as pessoas usam como eufemismo *badjuda nobu*. Na Guiné Bissau a virgindade é valorizada por algumas etnias, por exemplo, no caso das fulas e mandingas, casar uma jovem virgem é um orgulho da família de mulher e honra para o marido, até colocam a coberta branca da noite de núpcias pendurada na varanda da noiva para todo mundo ver que era virgem.

Scantamburlo (2002) mostra que nem todas as palavras no guineense são consideradas como tabu, às vezes a palavra no guineense mantém a mesma carga semântica, do português por exemplo, a expressão *busca bida*, que significa ‘imigração’ (literalmente ‘buscar uma vida melhor’).

As palavras *poxa* e *porapá* são consideradas como xingamento, no português correspondem a ‘porra’ e o dicionário considera como vulgar *porapá*. *Poxa* é uma alteração fonética de ‘porra’, uma forma eufemismo, que certamente passou para o guineense.

Kalabus e *prison* são usados para se referir à ‘prisão’ para as pessoas que

cometem crimes, hoje em dia a expressão menos usada é *kalabus*.

Ataka algum sin serteza ou **akusa** é usada para dizer que é ‘calúnia’ (*bu djunna buna akusal sim sibi si bardade* significa ‘fizeste calúnia sem saber se é verdade’). *Akusa* é falar que a pessoa fez algo sem ter provas, exemplo dizer que o fulano matou pessoa sem ter provas de que ele fez, infelizmente essa injustiça ocorre algumas vezes no país que não respeita a lei e direitos do ser humano.

As palavras *burru, tolé, ika bai eskola* são usadas para se referir às pessoas que nunca foram para escola ou que frequentam, mas têm dificuldade de aprendizagem. O dicionário vem mostrando que entre esses três nomes são consideradas xingamentos as palavras *burru e tule*. Para suavizar esse xingamento, as pessoas usam *ika bai eskola*. Ao mesmo tempo em que essa expressão pode ser considerada como eufemismo, depende do contexto em que se usa, **ika bai eskola** pode ser usada para afirmar que a pessoa não foi para aula ou nunca estudou.

Podemos ver também as palavras como *futseru, pauterru, djanbakus*. *Futseru* significa feitiço. Scantamburlo (2002) mostra que se refere a uma mesma coisa, mas depende como a sociedade guineense vê essas pessoas. *Kila futseru ikume si fidjus* ‘ele ou ela é feiticeiro, comeu seus próprios filhos’. Quando se usa a palavra **pauteru**, dizemos que uma pessoa vê além do normal, por exemplo, fala com *djanbakus* é uma pessoa que lê a sorte ou vida dos outros para ganhar o seu pão de dia a dia.

Tira barriga significa ‘fazer aborto’. É um caso que se vê muito na sociedade como negativo porque leva muitas meninas a morrerem no processo de tentar abortar crianças.

Prenhada, i panha barriga ‘ficou grávida’ são usados para se referir à mulher grávida. Existe conotação negativa quando se engravida na adolescência.

As expressões *konta dur di mintida, i falta bardade* são para dizer que a pessoa é mentirosa ou não fala verdade. ‘*I falta bardadi*’ vem como eufemismo.

Fidju de rua e fidju de badjudesa são os termos dirigidos para os filhos bastardos ou filhos concebidos antes do casamento. O dicionário mostra que o mais vulgar entre os dois nomes é *fidju de rua*, porque a sociedade guineense considera isso como xingamento, disse Orsi (2011, p.3): “embora palavrões não sejam aceitos em todos os contextos”, para os guineenses é um dos palavrões que mais geram conflito chamar

um filho concebido fora do casamento de *fidju di rua* ‘filho de rua’ e *fidju di puta* ‘filho da puta’.

Para se referir à casa de banho, a sociedade usa palavras como: *kuartino, bai matu e serku*. Existe diferença no uso da expressão ‘bai matu’, tem contexto que não significa exatamente ir ao banheiro, mas sim ‘ir trabalhar no campo’.

Kumadri, kunbosa e kasa dus referem-se à ‘amante’. O termo mais usado na sociedade é *kasa dus komadri*, que também tem outros significados, por exemplo: a madrinha da minha filha, em vez de chamá-la pelo próprio nome, passou a chamar de *komadri*, assim também pode ser usada quando se trata de uma amiga íntima, assim como *kumbosa* tem seus significados de amante, rival, segunda esposa.

Para se referir a uma empregada, são usadas palavras como: *nhá badjuda, nha tarbadjadur*, é mais vulgar chamar de empregada, ultimamente ao trabalhar na casa da patroa, se ela passa a te chamar de *nhá badjuda*, a relação entre patroa e funcionária passa a ser como um membro da família, claro que com limites, mas isso faz com que as meninas agora não sintam vergonha de trabalhar como doméstica.

Ita nheme (literalmente ‘ele/ela come’) e *ita sai dinoti* (literalmente ‘ele/ela sai à noite’) significa as pessoas que matam no feitiço, é para se referir a uma pessoa considerada na comunidade como uma vampira, que come as pessoas no feitiço, se as pessoas já te conhecem no bairro ou no seio da família como pessoa que faz maldade, os guineenses falam *ita nheme*, você já se torna pessoa excluída na família. Toda pessoa que fica doente, todo mundo vai começar te xingar tipo assim: “ah você quer matar ele, mas se ele morrer, você morre”. É por isso que há tempos que mataram em algumas regiões do país muitos homens e mulheres idosos, eles são as pessoas que mais sofrem com essas acusações de feitiço.

Manku, duenti, ika completa (literalmente ‘ele/ela não é completo/ completa’) são significados de uma pessoa aleijada. Segundo Scantamburlo (2002) chamar uma pessoa de *ika completa* ‘pessoa com deficiência física’ é muito vulgar e falta de respeito aos deficientes.

Kuti kuti e n’oti n’oti ‘luta’ são usadas para dizer que está lutando com a vida para sobreviver. Aqui temos o processo de reduplicação, há um artigo de Braima et al (2020) que mostra que esse é um processo recorrente e produtivo no guineense.

Big papa e *nbruta del 'gordo'* é usada para falar de uma pessoa gorda, em vez de usar a palavra **gorda**, preferem usar *big papa* ou *big*, que é empréstimo da língua inglesa pelos jovens da capital.

Butchi butchi é quando se vê uma pessoa que era fraquinha, ganhou alguns quilos. Aqui também se observa o mecanismo de reduplicação. Ser uma pessoa acima do peso não tem tanto preconceito na Guiné-Bissau como vemos no Brasil, a pessoa magra, pequena sofre mais bullying do que a pessoa mais gorda, às vezes se a pessoa é magra demais rola fofoca de que você estava grávida e fez aborto ou tem uma doença tipo HIV, enquanto que aqui no Brasil pessoas chamam isso de corpo perfeito.

Nhongoli, pikinino, seku é usado para referir-se a uma pessoa desnutrida. É mais vulgar o uso da palavra *nhongoli*. Ser magra às vezes não se vê lá como um corpo saudável, as mães fazem todo o tipo de comida para deixar a criança mais gorda, se não correm boatos de que a criança ou a pessoa está desnutrida ou sofre de uma doença.

Mau, malvadu se refere a uma pessoa má, se uma pessoa é má, para suavizar a algumas pessoas usam 'malvado', também depende do contexto para usar palavra "mau", por exemplo, tem pessoas que não permitem muita visita das famílias tratando de tios, tias, primos etc. Assim, a pessoa já vai ser vista como uma pessoa da família que é má.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação e a análise dos tabus linguísticos no guineense revelam a profunda ligação entre língua, cultura e valores sociais. O uso de certas palavras é condicionado por normas sociais e crenças transmitidas de geração em geração, especialmente no que diz respeito a temas considerados sensíveis, como sexualidade, morte e doenças.

Ficou evidente que muitas palavras referentes aos órgãos sexuais, por exemplo, são evitadas ou substituídas por eufemismos, especialmente no convívio com os mais velhos ou em contextos formais. Expressões como **femiandade**, **mindjerndade**,

matchundade e **naturesa** surgem como formas alternativas, menos ofensivas, que demonstram respeito às normas culturais da comunidade.

Além disso, muitos desses termos têm origem no português, como **kuno**, **karadju** e **kodjon**, o que mostra a influência do contato linguístico, mas também reforça a carga negativa associada a essas palavras, consideradas ofensivas tanto na língua de origem quanto na guineense. Assim como **papesinho** e **mamesinho** vêm da palavra como os brasileiros dizem *painho* ou *paizinho*, *mainha* ou *mãezinha*, para os guineenses é padrasto ou madrasta.

A presença e o uso dos tabus linguísticos refletem não apenas regras de etiqueta verbal, mas também mecanismos de preservação da moral, da tradição e da coesão social. Diante disso, estudar os tabus no guineense é fundamental para compreender melhor o funcionamento da língua e o papel que ela desempenha na construção das identidades culturais da Guiné-Bissau.

Por fim, destaca-se a importância de ampliar os estudos sobre este tema, uma vez que há ainda poucos trabalhos acadêmicos dedicados a investigar o tabu na língua guineense. Essa lacuna revela a necessidade de valorizar e documentar os saberes locais, contribuindo para a valorização do patrimônio linguístico e cultural do país.

REFERÊNCIAS

CORREIA, L.; BANDEIRA, M.; FREITAS, S. Tabus linguísticos de decoro no guineense. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 67, p. 242–270, 2021.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. **Tabus Linguísticos**. Universidade da Virgínia: Companhia Editora Nacional, 1979.

GUINÉ-BISSAU, **Mapa-político-da-guiné-bissau-com-capital-bissau-fronteiras-nacionais-cidades-e-rios-importantes**. Disponível em:

https://pt.123rf.com/photo_32758629_mapa-pol%C3%ADtico-da-guin%C3%A9-bissau-com-capital-bissau-fronteiras-nacionais-cidades-e-rios-importantes.html.

Acesso em: 31 de outubro de 2025.

SCANTAMBURLO, Luigi. Dicionário do Guineense: dicionário guineense-português; dicionário guinensi-purtuguis. v. 2. **Bissau: Edições FASPEB**, 2002.

NHAGA, Ghorque Joaquim. **Formação de identidade nacional na Guiné-Bissau**. 2011. 74 f. Dissertação (Bacharel em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ORSI, Vivian. **Tabu e preconceito linguístico**. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 04 jul. 2025.

SAUSSURE, FERDIND. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1997.

KUSAS KIKATA TCHOMADO PA SE NOME

RUSUMO

E trabadju na papia di kusas di lingua i di sociedade ki ten ligason ku manera ku tabus linguístikus ta usadu na guinensi. Purgunta prinsipal di trabadju i: *kal ki palabra tabu na guinensi?* Na sociedade guinense, djintis grandi ta insina kuma i ten palavra ku ka podi papia, pabia si ome usa palavra tabu i pudi tisi maldison ô kuza ruindadi. E tabus li ta pasa di jenerason pa jenerason, i ta mostra balur kultural, rilijozu i moral di comunidade. Objektivu jeral di estudu i pa analiza palavra tabu na guinensi. Kum objektivus spesífiku, i tenta studa: (i) diskubiri palavra tabu ki tene ligason ku parti di korpu di omi i di mindjer, ku doensa, ku mortu, i otrus; (ii) itindi signifikadu di tabu na kontestu guinense; (iii) intindi balur di usa palavra tabu; (iv) papia di origen i funson sosial di es palavra. Piskisas mostra kuma ika ten mangas trabadjus ki fala di es tema, só trabadjus di Correia, Bandeira i Freitas (2020) ku papia di es kuza. Es tarbadju na djuda na aprofunda konhesimentu sobre língua i kultura di guinense. Estudu bibliográfiku, i prinsipal referensia i di Disionáriu di Scantamburlo (2002). Dadus ta mostra kuma i ten mangas di palavra tabu ligadu ku parti seksuál. Pa papia di kunu, djintis ta usa palavra *femiandadi*, *pampana*, *karika*, *kuno* i *mindjerndadi*. Es palavra pudi sedu tambi koba mal: bu *karika* i bu *kuno*, i pa es rason i tabu. Palavra *kuno* i bin di portugis *cona*, i sedu mas tabu. *Femiandadi* mas *mindjerndadi* i ta da palavra *femia* (“fêmea, mindjer”) i *mindjer* (“mindjer”), ku sufixu-*ndadi*, i es i ta funsiona suma eufemismu. Kodjon, tambi ta tchomadu *karadju*, *kodjon*, *pipixo* i *matchundadi*. Palabras

karadju i *kodjon* e bin di portugis *caralho* i *culhão*, i negativu, i djintis grandi ka gosta usal. *Matchundadi* bin di *matchu* (“macho, omi”) + *ndadi*. Tambi, palabra *natureza* (“natureza”) i pudi usadu pa papia di vagina ó codjon, i eufemismu tanbê. Dja, estudu i mostra ku tabus linguístikus na guinense i refleto balur di no kultura, sosial ku bin diretu di tradison oral di povu.

Palavra-xabi: tabu linguístiku; guinensi - morfologia.